

Uma questão numérica

Se fossemos medir a eficácia do ministério de cerca de três anos de Jesus pela quantidade de discípulos, com os quais Ele ainda contava às vésperas de seu sacrifício, concluiríamos que o seu desempenho como líder espiritual teria sido quase “decepcionante”.

Na realidade, em termos numéricos, houve sim ao longo desses anos de ministério, um decréscimo em termos de quantidade de discípulos que permaneciam seguindo-o.

No início, havia uma grande quantidade de pessoas que seguiam a Jesus. Multidões ouviam seus ensinamentos ao ar livre e todos ficavam maravilhados. Alguns desses ouvintes eram ex-discípulos de João Batista, que passaram a segui-lo porque o próprio João apontava para Jesus como aquele que viria após ele e era digno de ser seguido (Jo.1:35 a 37).

João admitia ser simplesmente o precursor do Messias, transferindo para Jesus a honra maior e creditando-lhe toda a virtude.

Em uma determinada época, Jesus comissionou setenta discípulos, enviando-os de dois em dois para cada cidade daquelas cercanias. A esses tais, Jesus determinou-lhes que estivessem indo de casa em casa, curando os enfermos e anunciando o Reino de Deus. Isso está registrado em Lc.10:1 a 9.

Por ocasião do retorno desses setenta, os discípulos estavam bastante animados, expressando grande alegria ao noticiarem que até os demônios lhes estavam submetendo (verso 17).

Acontece que aquele entusiasmo inicial foi se extinguindo, na medida em que o rigor do padrão moral e espiritual que Jesus colocava através de seus ensinamentos ia decepcionando aqueles que o seguiam simplesmente por causa da “novidade messiânica”.

Por conhece-los interiormente, Jesus não confiava nesses tais (Jo.2:24 e 25). Em um determinado momento, Jesus disse a uma multidão que o ouvia: “Vós me procurais não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes” (Jo.6:26).

Diz o texto de Jo.6:60 que, em determinada ocasião, ao ouvirem o Evangelho autêntico, muitos dos discípulos disseram a Jesus: “Essa palavra é muito dura! Quem a pode ouvir?”

Na continuação do texto, lemos no verso 66 que a partir daquele momento, muitos de seus discípulos voltaram atrás e não o seguiram mais. No verso 67, Jesus pergunta então aos doze que permaneceram se não queriam também retirar-se.

Essa disposição de Jesus de estender a liberdade para qualquer discípulo poder abandoná-lo a qualquer momento, prova que Jesus não tinha uma preocupação “numérica” com relação aos que o seguiam, mas sim qualitativa.

Em nenhum momento Jesus baixou o padrão de sua doutrina, para melhorar seu prestígio juntos às massas e com isso angariar mais seguidores. Ele não estava preocupado com sua popularidade, mas sim em fazer a vontade de seu Pai e cumprir até o fim a missão que lhe estava destinada (Jo.12:49 e 50).

Mesmo com relação aos doze, Jesus sabia que não poderia contar plenamente, pois um deles já estava pré-disposto a traí-lo naquela ocasião. Jesus já sabia desse intento, tanto é que no verso 70 de João 6, Ele disse que havia um diabo entre os remanescentes de seu grupo de discipulado, referindo-se a Judas Iscariotes.

No Getsêmani, Jesus teve de passar a noite da agonia sozinho, pois não havia nenhum discípulo disposto a vigiar com Ele em oração, nem mesmo por uma hora (Mt.26:40).

Nenhum daqueles homens nos quais Jesus tanto investira estava ao seu lado quando Ele suou gotas de sangue sobre aquele jardim (Lc.22:44).

O único discípulo que se dispôs a segui-lo até o fim, acovardou-se quando uma criada identificou-o com o Mestre, num período em que, qualquer um que tivesse qualquer relacionamento com Jesus, corria risco (Lc.22:56 e 57).

No final de seu ministério, Jesus sentiu-se tão desamparado, que na cruz disse: Eli, Eli, lamá sabactani, que quer dizer “Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?” (Mt.27:46).

Se o ponto final da história fosse naquele momento, poderia-se concluir que todo o esforço de Jesus e todo seu sofrimento para formar um colegiado, que desse prosseguimento à sua obra, teria sido em vão, pois logo após a ressurreição, os discípulos permaneciam numa casa enclausurados, desapontados e com medo dos judeus (Jo.20:19).

Entristece-nos quando vemos alguns que outrora serviam a Jesus com tanto ânimo, estão abatidos e tristes, porque já não o servem com a mesma disposição do início da carreira.

Dizer que o crescimento numérico progressivo e ascendente seja referencial para traduzir a intimidade maior de uma comunidade com o Senhor, ou o desempenho de um determinado

líder espiritual, está longe de ser realidade, pois nem mesmo com o próprio Jesus isto se cumpriu durante os três anos de seu ministério terreno, apesar de toda a unção, sabedoria, virtude, amor e capacidade para operação de sinais e maravilhas que Ele revelou entre os homens.

Oswaldo Carvalho